



A linguagem humana: perspectivas da linguística e da psicolinguística

Human language: perspectives from linguistics and psycholinguistics

Lenguaje humano: perspectivas desde la lingüística y la psicolingüística

Cristian Pasqualine¹
Jaison Luís Crestani²

RESUMO:

Este artigo explora a linguagem humana através das lentes da linguística e da psicolinguística. Para tanto, propõe investigar o problema da compreensão e produção da linguagem, utilizando uma metodologia descritiva que incorpora contribuições teóricas e estudos empíricos. Inicialmente, aborda as contribuições de Ferdinand de Saussure (2006), diferenciando língua e linguagem e destacando a importância das convenções sociais. Discute as teorias de Noam Chomsky (1978) sobre a gramática universal inata, enfatizando a capacidade criativa da linguagem humana. A psicolinguística é apresentada como uma disciplina que investiga os processos cognitivos, utilizando métodos observacionais, experimentais e de simulação cognitiva. O artigo traça a evolução da psicolinguística, desde suas raízes behavioristas até a abordagem integrativa atual, que incorpora técnicas avançadas de neuroimagem. Destaca-se a importância da linguagem na cognição humana e a capacidade inata das crianças para adquirir a linguagem, mesmo com exposição limitada. A integração de diferentes abordagens e métodos promete aprofundar o entendimento sobre a comunicação humana e os processos mentais subjacentes.

Palavras-chave: Linguística. Psicolinguística. Aquisição da Linguagem.

Abstract: This article explores human language through the lenses of linguistics and psycholinguistics. It investigates the problem of language comprehension and production using a descriptive methodology that incorporates theoretical contributions and empirical studies. Initially, it addresses the contributions of Ferdinand de Saussure (2006), differentiating between langue and language and highlighting the importance of social conventions. It discusses Noam Chomsky's (1978) theories on innate universal grammar, emphasizing the creative capacity of human language. Psycholinguistics is presented as a discipline that investigates cognitive processes using observational, experimental, and cognitive simulation methods. The article traces the evolution of psycholinguistics from its behaviorist roots to the current integrative approach that incorporates advanced neuroimaging techniques. It highlights the importance of language in human cognition and the innate ability of children to acquire language, even with limited exposure. The integration of different approaches and methods promises to deepen the understanding of human communication and the underlying mental processes.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas.

² Mestre e Doutor em Literatura Brasileira pela UNESP, Campus de Assis. Pós-Doutor em Jornalismo e Editoração pela ECA-USP. Professor do Colegiado de Letras do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas.



Keywords: Linguistics, Psycholinguistics, Language Acquisition.

Resumen: Este artículo explora el lenguaje humano a través de las lentes de la lingüística y la psicolingüística. Investiga el problema de la comprensión y producción del lenguaje utilizando una metodología descriptiva que incorpora contribuciones teóricas y estudios empíricos. Inicialmente, aborda las contribuciones de Ferdinand de Saussure (2006), diferenciando lengua y lenguaje y destacando la importancia de las convenciones sociales. Discute las teorías de Noam Chomsky (1978) sobre la gramática universal innata, enfatizando la capacidad creativa del lenguaje humano. La psicolingüística se presenta como una disciplina que investiga los procesos cognitivos utilizando métodos de observación, experimentales y de simulación cognitiva. El artículo traza la evolución de la psicolingüística desde sus raíces conductistas hasta el enfoque integrador actual que incorpora técnicas avanzadas de neuroimagen. Se destaca la importancia del lenguaje en la cognición humana y la capacidad innata de los niños para adquirir el lenguaje, incluso con una exposición limitada. La integración de diferentes enfoques y métodos promete profundizar el entendimiento sobre la comunicación humana y los procesos mentales subyacentes.

Palabras clave: Lingüística, Psicolingüística, Adquisición del Lenguaje.



1. INTRODUÇÃO

A aquisição e a aprendizagem de uma língua dependem de um complexo aparato cognitivo e neurológico. Com base nesse pressuposto, este artigo investiga como esses processos são compreendidos através das lentes da linguística e da psicolinguística, com ênfase nas contribuições teóricas de Saussure e Chomsky e nos métodos empíricos da psicolinguística moderna. Embora pesquisas tenham demonstrado que várias áreas do córtex cerebral são ativadas durante a aprendizagem, a relação entre o desenvolvimento cerebral e a educação foi negligenciada por muito tempo. Atualmente, a integração dos conhecimentos das neurociências na educação e o estudo dos processos linguísticos fornecem uma base teórica e metodológica sólida para entender os aspectos estruturais e funcionais da linguagem.

A linguística e a psicolinguística contribuem significativamente para esse entendimento ao explorar a gramática, o vocabulário e a semântica, além de investigar como os indivíduos adquirem e desenvolvem suas habilidades linguísticas ao longo do tempo. A combinação dessas abordagens possibilita uma visão mais abrangente dos processos de aquisição e aprendizagem de línguas, destacando a importância do ambiente educacional e das interações sociais.

Estudos neuropsicológicos têm mostrado que diferentes áreas do cérebro estão envolvidas na aquisição da linguagem materna e de uma segunda língua, o que tem implicações cruciais para o ensino de línguas. A compreensão de como o cérebro processa a linguagem pode ajudar a identificar estratégias mais eficazes para promover a aprendizagem e o desenvolvimento linguístico, personalizando métodos de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos.

Além disso, a investigação da aquisição da linguagem em crianças revela que, mesmo com exposição limitada, elas são capazes de internalizar as regras e estruturas de uma língua, graças à sua capacidade inata. Essa descoberta sustenta a teoria da gramática universal de Chomsky, que sugere que todos os seres humanos possuem uma predisposição genética para adquirir a linguagem. Este artigo, portanto, não só explora as teorias e abordagens da linguística e da psicolinguística, mas também justifica a relevância de integrar esses conhecimentos na prática educacional.

A metodologia deste estudo é majoritariamente descritiva, incorporando uma revisão de literatura, observação empírica e análise experimental dos processos cognitivos envolvidos na aquisição da linguagem. Ao articular teorias clássicas com descobertas contemporâneas,



esperamos oferecer uma compreensão mais profunda e fundamentada da complexidade da comunicação humana e dos processos mentais que a sustentam.

2. LINGUÍSTICA: ASPECTOS GERAIS

No livro *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure (2006) aborda os fundamentos do que hoje se entende por Linguística. O conteúdo baseia-se em anotações e estudos feitos por alguns de seus alunos a partir de aulas realizadas na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911. Saussure é considerado por muitos o fundador da Linguística Moderna, uma vez que propôs a ciência da língua como um campo autônomo de estudo. Com uma visão ampla relacionada ao fenômeno da comunicação, ele quebrou o paradigma do estudo da linguagem ao propor uma mudança de foco da diacronia das línguas (descrição de uma língua ao longo de sua história) para a sincronia (estado de língua em um momento dado, independente de sua evolução histórica). Isso significa focar no modo como a comunicação ocorre em determinado momento da existência de um idioma.

Para Chomsky, cada língua é “o resultado da atuação recíproca de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Desse modo, pode-se imaginar o estado inicial como um ‘dispositivo de aquisição de língua’ que toma a experiência como ‘dado de entrada’ e fornece a língua como um ‘dado de saída’” (1998, p. 19). Portanto, todos os seres humanos passam por um estado inicial da faculdade da linguagem, determinado geneticamente. Esse estado permite a aquisição de qualquer língua, desde que haja a experiência adequada.

Formulada por Chomsky (1978), a Gramática Gerativa trata do desenvolvimento de línguas numa linha que relaciona a marcação genética à linguagem e tem como alvo elaborar um modelo teórico formal capaz de descrever e explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana. Já a Gramática Universal refere-se a uma gramática subjacente a todas as línguas; a partir dela, qualquer falante apresenta a capacidade para o desenvolvimento de uma língua, bastando ter contato com ela para tal aquisição, utilizando-se do inatismo como fator auxiliar nesse processo linguístico.

O neuropsicólogo soviético Aleksandr R. Luria (1992) percebe as construções cognitivas, como as funções mentais superiores, a partir da “origem a novos sistemas funcionais que jazem na base do comportamento, mais do que pelas propriedades internas dos neurônios”, e afirma ser com base na linguagem que se formam complexos processos de regulação das próprias ações do homem. A linguagem receptiva e expressiva, em suas



diversas modalidades (fala, gesto, escrita, leitura e outras), é uma atividade consciente e interativa com o meio, sendo influenciada gradativamente por um complexo processo histórico social e cultural.

A língua é psíquica, incorpórea e composta por unidades mínimas significativas, que, unidas, assumem dada forma. Essas unidades denominam-se signos linguísticos, e sua formação se dá pela junção de uma imagem acústica (um significante) e um conceito (o significado).

Essas considerações conduzem às reflexões de Saussure em relação ao valor linguístico. Para ele, o valor constitui um elemento de significação, mas ambos os conceitos (de significação e de valor) não são correspondentes. A significação está no nível do signo linguístico, da capacidade que este tem, em seu interior, de unir uma imagem acústica a uma ideia. Fazendo parte de um sistema, uma palavra está revestida não só de uma significação, mas também, e sobretudo, de um valor.

Para Saussure, a língua não passa de um sistema puro de valores, rejeitando qualquer probabilidade de ser uma descrição do mundo. Sua teoria apresenta a língua como um fato social, um produto da coletividade, que, por meio da convenção social, estabelece seus valores sobre os quais o indivíduo não tem poder. Para entender que a língua não é senão um sistema de valores, Saussure analisou dois de seus aspectos básicos: as ideias e os sons.

Ludwig Wittgenstein (1994) aponta uma espécie de dissolução da lógica na linguagem, optando pela utilização do termo “jogos de linguagem”. Nessa perspectiva, o significado não é estabelecido pela forma conceitual, mas pelo uso das palavras, dos significantes, no contexto determinado. Nesse aspecto, o que se costuma chamar de “a” consistiria em um conjunto de distintos jogos de linguagem.

Com o tempo, outras áreas da linguística surgiram e se dividiram em diversos campos, como a fonética (estudo dos sons da língua), a morfologia (estudo da formação das palavras), a sintaxe (estudo da estrutura das frases), a semântica (estudo do significado das palavras) e a pragmática (estudo do uso da língua em situações reais de comunicação). Cada uma delas aborda a linguagem humana de forma diferente, mas com o interesse comum de entender como a língua funciona e como é utilizada pelos falantes. Especialistas na área buscam compreender como a língua funciona e é aprendida, além de analisar as mudanças em seu escopo ao longo do tempo.

Ainda sobre linguística, destacam-se importantes desdobramentos. Pode-se citar a sociolinguística ou sociologia da linguagem, disciplina da linguística que estuda os aspectos



resultantes da relação entre a língua e a sociedade, concentrando-se, especialmente, na variabilidade social da língua. A psicolinguística, por sua vez, interessa-se em saber como a estrutura linguística está ligada ao uso da linguagem, procurando entender e explicar a estrutura mental e os processos envolvidos no uso de uma língua.

Portanto, a linguística é fundamental para entender como a linguagem funciona na sociedade humana. Seu estudo ajuda a compreender a diversidade das línguas, a aquisição da linguagem e a forma como ela é utilizada para a comunicação nos diferentes contextos sociais e culturais. Como ciência, oferece métodos e ferramentas para a investigação científica da linguagem e do cérebro humano.

3. DA LÍNGUA PARA LINGUAGEM ATÉ A LINGUÍSTICA

No princípio, Deus criou os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro (Gênesis I, 1-5). (A Bíblia Sagrada, 1993).

Nessas explicações, em epígrafe, sobre a origem do mundo, mesmo tendo sido formuladas em épocas remotas por sociedades bem diversas, associa-se a palavra (linguagem verbal) ao ato de criar. A linguagem sempre exerceu sobre o homem uma espécie de deslumbre, vindo desse ato que permite não só criar ou nomear nosso universo real, mas que também permite trocar conhecimentos, falar sobre o que existiu, o que poderá existir, e, até mesmo, imaginar o que poderia existir. A linguagem verbal é objeto do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim, como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, no intuito de comunicar e constituir uma realidade sólida relacionada com o que existe independentemente dela. Uma vez que é autônoma para organizar sons e palavras, ela pode expressar também emoções e propósitos, sendo orientada pela visão de mundo e pelas determinações da realidade social, histórica e cultural de seu falante.

Nascida como uma ciência autônoma, a linguística é considerada uma ciência recente, que tem como objetivo investigar uma das atividades humanas mais importantes: a linguagem, descrevendo seus fenômenos e manifestações, tratando a língua através de uma abordagem científica. Em termos gerais, ela estuda a linguagem humana, cumprindo importante papel ao difundir conhecimentos e descobertas que permitem ao homem entender



melhor as mudanças provenientes do seu processo de evolução dentro da história da humanidade.

Os estudos sobre ela não são recentes, remontam desde a Antiguidade Clássica, tendo permanecido no curso da história, gerados pela curiosidade e interesse que o homem tinha, e ainda tem, pela linguagem humana e a língua em si, dentre suas especificidades. Porém, todo esse interesse dedicado à linguagem só se constituiu como ciência através do surgimento da linguística.

Sabe-se que todo o conhecimento sobre linguagem produzido no século XX teve origem em um ponto comum: a obra *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, publicada em 1916, na França, dando início aos estudos científicos da linguagem e proporcionando aos estudiosos tanto a definição do objeto quanto um método.

Uma das principais questões que ela tenta responder é como os seres humanos adquirem a linguagem. Essa aquisição é um processo complexo e fascinante, que começa desde cedo, nos primeiros anos de vida, e continua ao longo de toda a existência. Estudos na área da psicolinguística mostram que a aquisição da linguagem está relacionada a fatores biológicos, cognitivos e sociais. Outra questão importante a ser abordada é como as línguas são organizadas, pois todas possuem sistemas de sons, palavras, fraseologia e gramática que são específicos e variados.

Na linguística, a língua é definida como um sistema complexo e estruturado de comunicação verbal utilizado por uma comunidade de falantes. Ela envolve regras gramaticais, vocabulário, fonologia, sintaxe e semântica, entre outros aspectos. Além de estudar a língua em seus diversos níveis, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, a linguística busca compreender sua estrutura, funcionamento e variações, investigando também a aquisição da linguagem, a história das línguas e as relações entre a língua e a sociedade.

As línguas são organizadas de forma sistemática, pois possuem sistemas de sons, palavras, fraseologia e gramática. Essa organização permite a comunicação efetiva entre os falantes de uma determinada língua. No nível fonético e fonológico, as línguas possuem um conjunto de sons distintos que são combinados de acordo com regras específicas para formar palavras e frases. Essas regras determinam como os sons podem ser combinados e quais sequências são permitidas na língua.

No nível lexical, as línguas possuem um vocabulário composto por palavras que representam conceitos e objetos do mundo. Essas palavras são organizadas em categorias



semânticas e podem ser combinadas para formar frases. No nível gramatical, as línguas possuem regras que determinam a estrutura das frases, como a ordem das palavras, a concordância entre os elementos e a marcação de tempo, aspecto e modo verbal. Essas regras gramaticais variam de uma língua para outra e são aprendidas pelos falantes de forma intuitiva.

Além disso, as línguas também possuem sistemas de fraseologia, que são expressões idiomáticas, colocações e padrões de uso recorrentes que conferem um aspecto idiomático e cultural à língua. Essa organização sistemática das línguas permite que os falantes as utilizem para se comunicar de maneira eficaz e compreender uns aos outros, tal como são estruturadas e funcionam.

Desse modo, a linguística, enquanto ciência, busca explicar como a linguagem é adquirida e utilizada, como é organizada em diferentes línguas, e como é influenciada por questões sociais e culturais. Para isso, demanda a utilização de métodos científicos, como a observação empírica, a coleta de dados, o uso de experimentos controlados e a análise estatística.

4. MAS AFINAL, O QUE É LÍNGUA?

Saussure é reconhecido como o “pai” da linguística moderna pelo fato de suas contribuições terem impulsionado o campo de estudos da língua e da linguagem, que vieram a constituir uma nova ciência. A organização de suas bases teóricas proporcionou uma visão verdadeiramente científica dos estudos da língua, tomando-a como objeto central de investigação. Entretanto, a publicação de seus valiosos estudos e sua fama como pai de uma ciência moderna se deram somente após sua morte, isto é, de forma póstuma.

Em seus estudos, Saussure também afirma que língua e linguagem são diferentes, mas dependentes uma da outra. Entende-se língua como um conjunto de convenções adotadas por um determinado grupo social com o objetivo de permitir a inter-relação entre seus membros. Já a linguagem é multiforme, pertence a todos os domínios e não se classifica em nenhuma categoria dos fatos humanos. Assim, pode-se entender que a língua é algo adquirido e convencionado por um determinado grupo.

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 2006, p. 17).



Saussure argumentava que a língua é um fenômeno social porque sua existência depende da interação e do consenso entre os falantes de uma determinada comunidade. Segundo ele, a língua é um sistema de signos convencionais que são compartilhados e adquiridos pelos membros de uma comunidade linguística. Ele enfatizava que os significados das palavras e as regras gramaticais não são determinados individualmente, mas sim estabelecidos coletivamente por meio de convenções sociais.

Além disso, Saussure destaca que a língua é um sistema estruturado, no qual os elementos linguísticos, como os sons, as palavras e as regras gramaticais, estão interligados e dependem uns dos outros. A compreensão da língua requer o entendimento das relações internas e das diferenças entre esses elementos. Dessa forma, ele via a língua como um fato social que é compartilhado e moldado pela comunidade linguística, e que possui uma estrutura interna que determina seu funcionamento e significado. Essa visão influenciou profundamente o campo da linguística e continua sendo uma base importante para o estudo da linguagem até os dias de hoje.

Quanto ao valor linguístico, Saussure analisa que o conceito dos signos é associado ao significante não por um processo único; todavia, a língua tem de ser considerada em seu todo para que esse processo de associação possa ser compreendido. O significado não lhe seria atribuído diretamente, ainda que seja a contraparte do significante no interior do signo, mas pela oposição de um signo aos demais. O estudioso afirma que:

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (...) A língua é um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (Saussure, 2002, p. 133).

Assim, o significado de um signo é atribuído ao seu significante pela presença de outros signos, que determinam, por oposição e exclusão, sua definição. Desse modo, cada signo tem seu próprio significado justamente porque convive com os demais signos da língua. A língua, portanto, não se realiza somente na relação do homem com objetos reais, mas também na mente humana e entre mentes humanas. Quando se interpretam as palavras ditas ou escritas por alguém, isso é feito a partir de outras palavras que se tem em mente.

Em virtude disso, a concepção de língua proposta por Saussure é de cunho mental, pois as palavras não remetem diretamente às coisas, aos seres ou aos sentimentos, mas sim, às ideias que se tem deles. Assim, o processo da comunicação se dá pela constante relação que mentalmente é estabelecida entre significantes e significados.



5. CHOMSKY E A LINGUAGEM

Em poucas palavras, a língua, para Chomsky, insere-se em uma concepção cuja ênfase está na intuição do falante, que pode produzir, a partir de meios finitos (do sistema linguístico), infinitas sentenças. Em virtude do inatismo e da criatividade inerentes ao ser humano, qualquer falante possui ao seu dispor uma gramática internalizada, capacitando-o a gerar e transformar orações e sentenças, diferentemente da concepção saussuriana, na qual as alterações linguísticas se dão exclusivamente por mudanças no interior do próprio sistema e não externamente.

A linguagem é algo que diferencia o ser humano de qualquer outra espécie, pois somente ele é capaz de fazer uso de “signos linguísticos para expressar pensamentos formulados livremente” (Chomsky, 1998, p. 18).

Para Chomsky (1998), a linguagem é uma capacidade inata e específica dos seres humanos, sendo uma característica essencial da mente humana. Todos os indivíduos possuem uma estrutura mental chamada gramática universal, que permite a aquisição e produção da linguagem.

O autor propõe que a linguagem é regida por regras e princípios universais, compartilhados por todas as línguas humanas. Esses princípios são parte da gramática universal e responsáveis pela estrutura básica da linguagem. Por outro lado, as regras específicas de cada língua são determinadas pelos parâmetros da gramática universal, que podem variar entre as línguas.

Segundo o autor, a linguagem é uma capacidade criativa e produtiva. Os falantes podem gerar uma infinidade de frases a partir de um conjunto finito de regras e elementos linguísticos. Ele argumenta que essa capacidade de produzir e compreender uma variedade infinita de sentenças é uma característica única da linguagem humana.

Além disso, Chomsky também enfatiza a importância da linguagem na cognição humana. Ele argumenta que a linguagem não é apenas uma forma de comunicação, mas também desempenha um papel fundamental no pensamento e na representação do mundo. Através da linguagem, os seres humanos podem expressar e organizar seus pensamentos, compartilhar conhecimento e construir significados.

Sugere-se ainda que é possível a todos aprender outra língua e que há uma gramática universal que facilita esse conhecimento. Suas ideias têm tido forte repercussão em pesquisas sobre a aquisição da linguagem em crianças, embora alguns pesquisadores dessa área não



concordem com suas teorias. Sua ênfase na natureza genética é um dos fatores importantes para a aquisição de um idioma estrangeiro.

A gramática da língua é um conjunto de regras que ordenam os elementos, fonemas e morfemas, e toda linguagem é comunicação, resultando de um estado inicial e da experiência. Esse estado inicial é como um dispositivo de aquisição da língua; a experiência é um dado de entrada, e a língua, um dado de saída. Ele é comum à espécie; quem nasce na Espanha fala espanhol; na Noruega, norueguês, e assim por diante. Esse estado inicial é complexo na aquisição da língua, mas não exclui nenhuma língua que possamos aprender.

Pensar a aquisição da linguagem é entender que se trata de um processo único, partindo da ideia de que uma criança realmente adquire a linguagem, e não a aprende. É importante salientar que um falante nativo, mesmo nunca tendo escutado certa frase, ao ouvi-la, reconhece se ela é, ou não, gramatical, concordando com os outros falantes nativos nessa constatação.

A criança, com certeza, não passa seus dias pensando que deve aprender a falar, nem presta atenção a regras. Ela simplesmente tem como estímulo a audição das falas ao seu redor e, assim, inconscientemente, vai observando e entendendo o seu idioma. No entanto,

Um exame atento [...] logo revela que, desde os primeiros estágios, a criança conhece imensamente mais do que a experiência provê. [...] As crianças pequenas adquirem palavras numa proporção de cerca de uma para cada hora acordada, com exposição extremamente limitada e em condições altamente ambíguas (Chomsky, 1998, p. 23).

Portanto, ao estar exposta a uma língua, a criança é capaz de aprendê-la e utilizá-la mesmo em condições precárias, mostrando que, embora o ambiente seja de suma importância, o curso geral de seu desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado inicial em que ela se encontra.

Porém, junto a essa teoria, não se pode descartar o fato de que o convívio em um ambiente adequado ao aprendizado, como as escolas, com o apoio de um profissional capacitado, facilita o aprendizado de um idioma estrangeiro. De acordo com Chomsky, todos têm o que se chama de gramática universal inata.

Embora ainda existam várias incógnitas sobre o cérebro humano, muito já foi estudado e descoberto, como o fato de que existem diferenças no comportamento do cérebro entre pessoas monolíngues e bilíngues, e também em pessoas com ou sem necessidades específicas.

A esse respeito, destacam-se duas abordagens distintas no campo da linguística: o estruturalismo norte-americano e o behaviorismo. Leonard Bloomfield, com o livro



Language, publicado em 1933, foi considerado o fundador do estruturalismo americano, que consistiu em uma abordagem dominante na linguística nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX. Essa abordagem, influenciada pelo trabalho de Ferdinand de Saussure, enfatizava o estudo da estrutura da língua, com foco na análise dos sons, das palavras e das regras gramaticais. Os estruturalistas norte-americanos buscavam identificar padrões e regularidades nas línguas, com o objetivo de descrever e comparar as diferentes estruturas linguísticas.

Por outro lado, o behaviorismo, inicialmente inaugurado pelo americano John B. Watson, em um artigo de 1913, intitulado “Psicologia como os behavioristas a vêem”, referia-se ao processo de aquisição da linguagem baseado na proposta empirista, para a qual o conhecimento humano era derivado da experiência e a única capacidade inata era a de formar associações entre estímulos e respostas (E-R). Essa abordagem não considerava a mente como componente fundamental para justificar o processo de aquisição, mas, através de estímulos e respostas, entendia que as unidades básicas da descrição deste processo de aquisição eram o ponto de partida para uma ciência do comportamento.

No entanto, Chomsky (1957) argumentou que a capacidade de adquirir e produzir linguagem não poderia ser explicada apenas por meio de estímulos e reforços. Ele propôs a existência de uma faculdade inata da linguagem, ou seja, uma estrutura mental específica que permite aos seres humanos adquirirem e produzirem linguagem de forma criativa. Em resumo, o estruturalismo norte-americano enfatiza a análise da estrutura linguística, enquanto o behaviorismo, para Chomsky, destaca a capacidade inata da linguagem e a existência de uma gramática universal.

Chomsky desenvolveu a teoria da Gramática Gerativa, que postula a existência de uma Gramática Universal subjacente a todas as línguas humanas, contendo princípios e parâmetros que permitem a variação entre as línguas. Ele enfatiza que a capacidade de adquirir e produzir linguagem é inata e específica dos seres humanos, e que a linguagem é uma característica essencial da mente humana. Logo, o gerativismo, assim chamado por ele, estuda a língua como uma competência linguística ou gramática internalizada, que explica a capacidade criadora do falante de produzir e explicar todas as frases da sua língua, mesmo as que ele nunca ouviu falar.

Essa teoria ganhou destaque por estar em oposição ao estruturalismo norte-americano e ao behaviorismo, que, naquela época, eram o cerne dos estudos linguísticos, pois consideravam que a aquisição da linguagem ocorria através do comportamento do indivíduo,



no qual língua, estímulo e resposta eram estudados individualmente por meio de descrições fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Pensando na perspectiva gerativista, entende-se que a aquisição da linguagem ocorre principalmente durante a infância, por meio da exposição à linguagem falada ao redor da criança, de forma gradual, assim como a evolução de seu organismo. Nesse processo, a criança internaliza as regras e estruturas da língua de forma intuitiva, sem a necessidade de instrução formal.

Em resumo, a linguagem é uma capacidade inata e específica dos seres humanos, regida por regras e princípios universais. Através dela, os seres humanos podem expressar sua criatividade, compartilhar conhecimento e representar o mundo ao seu redor. Chomsky (1998, p. 23) defende a concepção inatista, destacando que:

[...] a aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral: é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz. E, embora o meio ambiente importe claramente, o curso geral do desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado inicial.

Portanto, essa capacidade inata permite que as crianças adquiram a linguagem de forma rápida e eficiente, mesmo com uma quantidade limitada de exposição linguística, pois as crianças são capazes de extrair as regras e estruturas da língua a partir do *input linguístico*³ que recebem, e essa habilidade é única para a espécie humana.

Dessa forma, a Gramática Universal é objeto de estudo do gerativismo, e está ligada ao fator biológico que considera a mente-cérebro do indivíduo como fator condicional do ser humano. Do ponto de vista metodológico, é possível afirmar que Chomsky adota os preceitos do realismo científico de cunho psicológico, em que se empenha a estudar a estrutura da linguagem com foco na faculdade mental do indivíduo.

6. PSICOLINGUÍSTICA

Sabe-se que o estudo da linguagem é uma forma de comunicação particularmente humana que contribui para resolver enigmas e labirintos da mente. O campo da Psicolinguística tem suas raízes no início do século XX, com o trabalho pioneiro de pesquisadores como Wilhelm Wundt e Edward Sapir. No entanto, foi na década de 1950 que

³ O termo "input linguístico" refere-se à exposição que uma pessoa recebe em relação à linguagem falada ao seu redor. É a entrada de informações linguísticas que uma pessoa recebe por meio da interação com falantes nativos da língua, podendo vir de diferentes fontes, como pais, familiares, professores, colegas de classe, mídia, entre outros.



ela começou a se estabelecer como uma disciplina distinta. Na época, esses pioneiros e outros pesquisadores procuravam estabelecer relações entre a organização do sistema linguístico e o pensamento, acreditando que ao entender o funcionamento da linguagem, compreenderiam também o funcionamento da mente humana.

Segundo Elena Godoy (2014, p. 19), “A psicolinguística não é a simples soma da psicologia com a linguística; trata-se de uma ciência que ultrapassa as fronteiras das duas ‘ciências-mãe’ e busca novas abordagens”. Sendo assim, é uma área de estudo que investiga como a linguagem é processada e adquirida pelo cérebro humano e combina princípios da psicologia e da linguística para entender como os indivíduos produzem, compreendem e adquirem a linguagem.

Um marco importante em sua história foi a publicação do livro *Syntactic Structures* (Estruturas Sintáticas), de Noam Chomsky, em 1957, no qual o autor propôs a teoria da gramática transformacional-generativa, que revolucionou a compreensão da estrutura da linguagem e influenciou significativamente o desenvolvimento da psicolinguística. A partir da década de 1960, a psicolinguística começou a se expandir rapidamente, com pesquisadores explorando essa área de pesquisa de maneira ativa e diversificada, abordando uma ampla gama de tópicos, desde a aquisição da linguagem na infância até o processamento da linguagem em adultos, passando pela relação entre linguagem e cognição, bilinguismo, distúrbios da linguagem e muito mais.

A Psicolinguística entende que a linguagem é uma habilidade complexa e fundamental para a comunicação humana. Os pesquisadores da área investigam questões como as palavras são armazenadas e acessadas na memória, como as estruturas gramaticais são processadas, como os sons da fala são percebidos e interpretados, como a linguagem é adquirida por crianças e como a linguagem é afetada por distúrbios ou lesões cerebrais. Eles utilizam uma variedade de métodos de pesquisa, incluindo experimentos comportamentais, estudos de neuroimagem, observação de crianças em desenvolvimento, análise de dados linguísticos, etc. Esses métodos permitem aos pesquisadores investigar os processos cognitivos subjacentes à linguagem e obter insights sobre como a linguagem é representada e processada no cérebro humano.

Em relação ao desenvolvimento da Psicolinguística, como ocorre com tantas outras disciplinas, há implicações na passagem por diferentes fases. É consenso entre diversos estudiosos da área que, em sua história, ela pode ser dividida em quatro períodos principais,



que representam diferentes enfoques e avanços do campo. De acordo com Balieiro Junior (2003), esses períodos são os seguintes:

1. Período Pré-Cognitivo: este período ocorreu nas décadas de 1950 e 1960 e foi caracterizado por uma abordagem mais behaviorista. Os pesquisadores estavam interessados principalmente em observar e descrever o comportamento linguístico, sem se aprofundar nos processos cognitivos subjacentes. As teorias behavioristas, como a de Skinner, foram influentes nessa época.
2. Período Cognitivo: a partir da década de 1970, a psicolinguística passou a adotar uma abordagem mais cognitiva. Os pesquisadores começaram a se concentrar nos processos mentais envolvidos na produção e compreensão da linguagem. Surgiram teorias como a da gramática generativa de Noam Chomsky, que enfatizava a estrutura interna da linguagem e a capacidade inata dos seres humanos de adquiri-la.
3. Período Interacionista: nas décadas de 1980 e 1990, a psicolinguística adotou uma perspectiva mais interacionista, que enfatizava a interação entre fatores cognitivos, sociais e linguísticos na aquisição e uso da linguagem. Os pesquisadores começaram a investigar como fatores sociais – a interação com os pais e o contexto cultural, por exemplo – influenciam o desenvolvimento da linguagem.
4. Período atual: o período atual da psicolinguística é caracterizado por uma abordagem mais integrativa e multidisciplinar. Os pesquisadores estão cada vez mais utilizando técnicas avançadas de neuroimagem, como a ressonância magnética funcional (Fmri), para investigar os processos neurais envolvidos na linguagem. Além disso, a psicolinguística está se expandindo para explorar novas áreas, como a linguagem em contextos bilíngues e a relação entre linguagem e cognição em diferentes populações.

Com base nessas questões, pode-se constatar que, ainda hoje, várias disciplinas convergem para o mesmo objeto de estudo e mantêm uma relação estreita com a Psicolinguística. Um exemplo seria a própria linguística ou ciência da linguagem, que se divide em várias áreas tratando dos diversos aspectos relacionados à linguagem: fonética, sintaxe, semântica, pragmática, análise do discurso, etc.

Por sua vez, como ressalta Godoy (2014), a Psicolinguística estaria interessada no estudo dos processos cognitivos que possibilitam a compreensão e produção da linguagem. Construir um saber descritivo sobre a estrutura e as regras de funcionamento de uma língua



poderia, sim, proporcionar um ponto inicial válido para sugerir hipóteses sobre as estratégias que os falantes usam nos correspondentes níveis de processamento. Entretanto,

Uma importante particularidade do processamento da linguagem é a de que podemos ser conscientes do significado da mensagem verbal que entendemos ou produzimos, mas não temos consciência dos mecanismos que aplicamos no reconhecimento de palavras, no acesso lexical, no processamento morfossintático etc. (Godoy, 2014, p. 21).

A autora aponta também que os conhecimentos linguísticos geralmente não são suficientes para explicar como a linguagem é processada. Até mesmo a linguística não diz nada a respeito das características funcionais do sistema cognitivo que executa o processamento da linguagem, nem sobre os mecanismos e estratégias usados neles. Dentre eles, pode-se citar alguns, como, por exemplo, o estudo e compreensão da fala e pensamento; a aprendizagem e processamento de palavras de sentido abstrato; os processos cognitivos de aquisição da leitura e escrita por crianças e adultos; os fatores psicológicos e sociais que afetam a aquisição da segunda língua; e a relação entre pensamento, língua e cultura, entre vários outros. Com essa diversidade de temáticas, é natural que ocorram interseções e até superposições dos problemas que tradicionalmente pertencem à psicologia cognitiva e à linguística; por isso, a Psicolinguística tem se tornado mais eclética.

Na psicolinguística, como diferencial das demais disciplinas que usam a linguagem como objeto de estudo, existe o requisito de que as conclusões e hipóteses produzidas durante a investigação sejam sistematicamente contrastadas com os dados de observações, experimentos ou simulações controladas cuidadosamente.

Portanto, Godoy (2014) salienta que são usados três métodos de pesquisa: o método observacional, o método experimental e a simulação cognitiva. O método observacional consiste na observação do comportamento linguístico em diferentes atividades verbais de compreensão e produção da fala em situações comunicativas contextualizadas. O método experimental pressupõe a existência prévia de alguma hipótese sobre o fenômeno linguístico de interesse, deduzindo-se o tipo de consequência empírica que a hipótese produz. Por fim, a simulação cognitiva é o terceiro método de pesquisa do comportamento verbal, que se baseia na suposição de que as funções da linguagem possam ser descritas como se fossem programas de computador.

Como se observa, a Psicolinguística utiliza métodos experimentais e teorias cognitivas para examinar processos mentais envolvidos na linguagem, como a percepção dos sons da



fala, a formação de palavras, a compreensão de frases e a produção de discurso, investigando como esses processos são afetados por fatores cognitivos, sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguística, como ciência autônoma, desempenha um papel crucial na compreensão da linguagem humana, investigando suas estruturas, funções e variações. Desde os estudos pioneiros de Saussure, que estabeleceram a base teórica para a análise linguística, até as contribuições de Chomsky, que introduziram a ideia de uma gramática universal inata, a linguística tem evoluído significativamente, incorporando diversas abordagens e métodos de pesquisa.

A distinção entre língua e linguagem, conforme proposta por Saussure, e a concepção de uma gramática universal, conforme defendida por Chomsky, são fundamentais para entender como os seres humanos adquirem e utilizam a linguagem. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta essencial para a cognição e a representação do mundo.

A psicolinguística, por sua vez, investiga os processos cognitivos subjacentes à compreensão e produção da linguagem, utilizando métodos observacionais, experimentais e de simulação cognitiva. Essa disciplina tem se mostrado vital para desvendar os mistérios da mente humana, explorando como a linguagem é processada, adquirida e influenciada por fatores sociais e culturais.

Ao longo de sua história, a psicolinguística passou por diferentes períodos, desde uma abordagem behaviorista até uma perspectiva mais integrativa e multidisciplinar. Atualmente, a utilização de técnicas avançadas de neuroimagem e a exploração de novas áreas, como o bilinguismo, têm ampliado nosso entendimento sobre a relação entre linguagem e cognição.

Em suma, o estudo da linguagem, seja através da linguística ou da psicolinguística, é essencial para compreender a complexidade da comunicação humana e os processos mentais que a sustentam. A contínua investigação e integração de diferentes abordagens e métodos de pesquisa prometem aprofundar ainda mais nosso conhecimento sobre este fascinante campo de estudo.



REFERÊNCIAS

BALIEIRO JUNIOR, A. P. Psicolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. (Org). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 2. p. 171-201.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: H. Holt and Company, 1933.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada Contendo o Novo e o Velho Testamentos**. Publicada por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

_____. **Linguagem e Mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Brasília: UnB, 1998.

_____. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

GODOY, Elena; DIAS, Luzia Schalkoski. **Psicolinguística em Foco: linguagem, aquisição e aprendizagem**. Curitiba: InterSaber, 2014. (Série Língua Portuguesa em foco).

LURIA, Aleksandr Romanovich. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso geral de linguística**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WATSON, John B. **Psicologia como os behavioristas a vêem**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/edu01011/behaviorist-watson.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994. Ibid. Observacio Rama Dorada de Frazer. Madrid: Editorial Tecnos, 1992.

Recebido em: 09/09/2024 Aprovado em: 25/11/2024
--